

A CONSCIÊNCIA DE PROCESSOS DE REDUÇÃO FONOLÓGICA NO INGLÊS COMO LE

PHONOLOGICAL REDUCTION AWARENESS IN ENGLISH AS FL

Eliane Nowinski da Rosa.¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo demonstrar a relevância do ensino de variação linguística nas aulas de língua inglesa (LE). Para isso, buscou-se investigar se os aprendizes brasileiros de um instituto de línguas tinham consciência da existência de formas em processo de redução fonológica no inglês. Os resultados revelaram que os informantes apresentaram um nível razoável de consciência linguística acerca das formas exibidas no teste de consciência linguística. Além disso, constatou-se que fatores como o nível de proficiência e a convivência em país de língua inglesa não foram significativos. Levando em consideração o fato de que a instituição aborda a variedade padrão nas aulas e as informações obtidas a partir da aplicação de um questionário sociolinguístico, presume-se que tal consciência pode ter sido despertada por meio da utilização, por parte dos aprendizes, de músicas, filmes, seriados, aplicativos, entre outros, como ferramentas para aprimorar seu conhecimento linguístico em inglês. Nesse sentido, verifica-se a necessidade do ensino de variação linguística em sala de aula porque a variação é um fenômeno inerente à gramática, logo sua aprendizagem proporciona uma interação comunicativa eficiente entre seus usuários. **Palavras-chave:** Redução Fonológica. Ensino de Inglês. Consciência Linguística.

Abstract: *The current study aims to demonstrate the relevance of linguistic variation teaching in English classroom setting as foreign language (FL). To do so, it sought to investigate if Brazilian learners, who belong to a language school, were aware of the existence of forms in phonological reduction processes in English. The results have revealed that the informants have presented a reasonable level of language awareness on the forms displayed in the linguistic awareness test. Furthermore, it has found out that factors such as proficiency level and living in an English country were not significant. Taking into consideration that the language school adopts the English standard variety in classroom and the information obtained from the sociolinguistic questionnaire, it is assumed that such awareness may be awakened through the use of songs, movies, TV series, apps, among others, by learners as tools for improving their linguistic knowledge in English. In the light of this, there is a necessity for teaching language variation in classroom setting because variation is an inherent phenomenon to the grammar, therefore its learning provides an efficient communicative interaction among its users.*

Keywords: *Phonological Reduction. English Teaching. Language Awareness.*

Introdução

De acordo com Larsen-Freeman e Cameron (2008), as línguas são consideradas sistemas complexos e dinâmicos, que estão continuamente sendo transformados pelo uso. Devido a esta constante evolução e adaptação, as línguas acabam sofrendo processos de variação e mudança linguísticas para suprir as necessidades comunicativas de seus

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada (UNISINOS), mestre em Fonologia e Morfologia (UFRGS), especialista em Ensino-aprendizagem da Língua Inglesa (Uniritter), graduada em Letras-Licenciatura Plena em Língua Inglesa (ULBRA). E-mail: elianedr19@gmail.com.

falantes. Como o falante “constrói” a sua língua, pode-se afirmar que as estruturas da língua surgem a partir de padrões inter-relacionados de experiência, interação social e processos cognitivos (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). Apesar de sofrerem variações e mudanças, a língua prossegue mantendo seu sistema organizado e oferecendo aos seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados (FARACO, 2005).

Na concepção de Larsen-Freeman e Cameron (2008), a língua não é um simples constructo homogêneo a ser adquirido; ao contrário, na visão dos sistemas complexos que considera a língua como o resultado do uso, a centralidade da variação e a escolha dos falantes por determinadas construções linguísticas dentro de um contexto social estão em primeiro plano. Dessa forma, percebe-se que a variação é motivada e controlada pelos falantes de uma determinada língua. Para Weinreich *et al.* (2006[1968]), a variação é um fenômeno inerente à gramática, que é adquirido pelo falante ao longo da vida, isto é, a variação faz parte do conhecimento linguístico internalizado do indivíduo (MUNSON; EDWARDS; BECKMAN, 2005). Por conseguinte, verifica-se a necessidade do ensino da variação na(s) aula(s) de língua(s), independentemente de a língua ser materna (L1) ou estrangeira (LE).

Já que a variação linguística é um fenômeno observado em todas as línguas ao redor do mundo e que a mesma pode ser motivada pelas escolhas de seus falantes, este estudo tem por objetivo demonstrar a importância do ensino da variação linguística em sala de aula de LE. Para isso, buscou-se investigar se os aprendizes brasileiros, pertencentes a um instituto de línguas situado na cidade de Porto Alegre (RS), possuem consciência da atuação de processos de redução fonológica no inglês falado e escrito, tanto por falantes nativos quanto não nativos. Com isso, espera-se estimular o ensino de formas como *gonna* (> going to), *wanna* (> want to), *lemme* (> let me), entre outras, oriundas de processos de redução fonológica (HEINE, 1993; BYBEE, 1999; BYBEE; HOPPER, 2001; BYBEE; BECKNER, 2010; BYBEE, 2011) em sala de aula por três motivos. Primeiro, os referidos fenômenos são frequentemente encontrados na fala, assim como na escrita de falantes nativos e/ou não nativos do inglês. Segundo, o ensino das formas citadas envolvem diferentes níveis da gramática como a fonologia (pronúncia), a morfologia (flexão), a sintaxe (posição na sentença) e a semântica (sentido), por exemplo. Terceiro, a variação é pouco abordada em sala de aula, visto que a maioria dos docentes a consideram como “erros gramaticais”. Como a variação linguística está presente na fala do usuário de

qualquer língua no mundo, a percepção e conscientização linguística de tal fato evitará que o aprendiz-falante enfrente problemas de compreensão e de interpretação durante a interação comunicativa com usuários da língua-alvo. É relevante destacar ainda que a língua usada na vida real é diferente daquela utilizada no contexto da sala de aula, por isso a variação linguística merece a devida atenção no campo da educação linguística.

Processos de Redução Fonológica no Inglês

De acordo com a Sociolinguística Variacionista, a variação é considerada um fenômeno inerente à gramática (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), o qual é adquirido pelo falante durante a vida. Logo, conjectura-se que o ensino da variação linguística seja imprescindível para a aprendizagem de língua(s). Conforme explica Labov (1972), a variação linguística ocorre em todas as línguas, na fala de uma comunidade e, até mesmo, na fala de um indivíduo de modo a demonstrar que a heterogeneidade é uma condição natural nas línguas humanas. Em consonância com a visão de língua dos sociolinguistas, os defensores da teoria do *Complex Adaptive System* afirmam que:

Language has a fundamentally social function. Processes of human interaction along with domain-general cognitive processes shape the structure and knowledge of language. Recent research across a variety of disciplines in the cognitive sciences has demonstrated that patterns of use strongly affect how language is acquired, is structured, is organized in cognition, and changes over time. However, there is mounting evidence that processes of language acquisition, use, and change are not independent of one another but are facets of the same system (BECKNER *et al.*, 2009, p. 2).

Diante disso, não há como negar a magnitude e a necessidade do ensino da variação linguística em sala de aula, pois, quando uma língua serve como veículo de comunicação e interação social, é natural que a variação se apresente no decorrer do ato comunicativo entre seus usuários. Assim, o conhecimento e a compreensão da existência de fenômenos de variação, por parte dos falantes-aprendizes de uma língua alvo, permitirá que os mesmos consigam comunicar-se de forma compreensível e inteligível com os demais falantes desse idioma, evitando, dessa forma, possíveis interpretações errôneas acerca da mensagem transmitida.

A redução fonológica (também chamada de erosão fonética, redução fonética ou atrito fonológico) é um termo genérico que abrange vários processos caracterizados pelo apagamento de um ou mais segmentos, de uma ou mais sílabas e por modificações nos traços fonológicos. Para Pichler (2013, p. 37):

[...] erosion, or phonological attrition, refers to the reduction in the phonological representation of a form and/or fusion of adjacent words/morphemes. It is caused by the fact that as their inferences conventionalise and their uses generalize, frequently occurring items and constructions gradually weaken their prosodic emphasis and their referential contribution to utterance meaning (Bybee 2003, 2006).

É importante enfatizar que a redução fonológica é um processo em que pode acontecer a diminuição no tamanho do enunciado (*utterance*), ou seja, após ocorrerem determinados processos fonológicos, o enunciado pode sofrer uma reorganização segmental em termos de quantidades de sílabas fonéticas por enunciado (ENGSTRAND; KRULL, 2001). Em outros termos gerais, “*the phonological substance is likely to be reduced in some way and to become more dependent on surrounding phonetic material*” (HEINE, 1993, p. 106).

Na língua inglesa, formas como *gonna* (> going to), *wanna* (> want to), *lemme* (> let me), *kinda* (> kind of), *hafta* (> have to), etc., provenientes de fenômenos de redução fonológica, são comumente encontrados na língua falada e escrita devido ao uso frequente de tais formas. A razão para isto consiste no fato de que a atuação dos processos de redução fonológica foi tão profunda que ultrapassou o nível da fala a ponto de atingir o nível da escrita. Por conseguinte, a aprendizagem dessas formas torna-se imprescindível para o bom desempenho linguístico do aprendiz-falante na língua alvo. Dentre as formas mais recorrentes no inglês, citam-se:

- * **ain't** = **am not, is not, are not**. Ex: I *ain't* fine today.
- * **cause** ~ **cos** ~ **coz** ~ **cuz** ~ **kuz** = **because**. Ex: I'm broken *coz* I spent all my money.
- * **coulda** = **could have**. Ex: She *coulda* sold her car.
- * **didja** ~ **didya** = **did you**. Ex: *Didja* see that guy?
- * **doncha** = **don't you**. Ex: *Doncha* trust in me?
- * **dunno** = **I don't know**. Ex: I *dunno* what to do with myself.
- * **gimme** = **give me**. Ex: *Gimme* more time to think about it!
- * **gonna** = **going to**. Ex: What are you *gonna* do now?
- * **gotta** = **(have) got to/a**. Ex: I *gotta* a licence.

- * **hafta** = **have to**. Ex: Sorry, I *hafta* leave now.
- * **innit** = **isn't it**. Ex: A beautiful day, *innit*?
- * **lemme** = **let me**. Ex: *Lemme* go now.
- * **lotta** = **lot of ~ lots of**. Ex: They have a *lotta* money.
- * **musta** = **must have**. Ex: The student *musta* been sick.
- * **nother** = **another**. Ex: Now that's a whole *nother* question.
- * **sorta** = **sort of**. Ex: We are *sorta* tired.
- * **shoulda** = **should have**. Ex: He *shoulda* practiced physical exercises.
- * **wanna** = **want to**. Ex: Do you *wanna* dance?
- * **whatcha** = **what are you, what have you, what do you**. Ex: *Whatcha* wanna do tonight?
- * **woulda** = **would have**. Ex: You *woulda* told him the truth.
- * **ya** = **you**. Ex: I've got something for *ya*.

Diversos estudos têm demonstrado que a redução fonológica está intimamente ligada à frequência de ocorrência (*token frequency*) dentro do contexto da gramaticalização e que essa frequência conduz aos processos de redução (THOMPSON; MULAC, 1991; BYBEE; HOPPER, 2001; BYBEE; BECKNER, 2010; BYBEE, 2011). Isto quer dizer que há uma interação entre os fenômenos de redução fonológica e a frequência de uso de uma determinada forma. De acordo com Bybee (2011, p. 70):

Speaking is at least in part a neuromotor activity. As a consequence, repetition or practice leads to increases in fluency. Sequences of units or word strings that are often produced together, such as *going to, have to, want to, in spite of, in back of* become units or chunks in their own right. They are stored and processed together (Boyland 1996; Ellis 1996). Another consequence of speech as a neuromotor activity is that repeated sequences—either within a word or across words—become more efficient, and the individual articulatory gestures reduce in magnitude and also increase their degree of temporal overlap (Browman and Goldstein 1992; Mowrey and Pagliuca 1995). As a result, frequent phrases, including those that are grammaticalizing, undergo phonetic reduction, as seen in such phrases as *gonna, wanna, and hafta* (Krug 2000).

Conforme Bybee e Hopper (2001), as origens da redução estão na automatização de sequências neuromotoras que ocorrem com a repetição das formas linguísticas. Esta automatização envolve a redução da magnitude dos gestos articulatórios e da crescente sobreposição destes gestos (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1992; MOWREY, PAGLIUCA, 1995). Tais reduções são sistemáticas e não representam uma fala “preguiçosa” (*lazy speech*). Além disso, pode-se mencionar que a redução ou a falta desta são monitoradas e controladas cuidadosamente pelos falantes conforme o contexto (BYBEE; HOPPER, 2001). Segundo Bybee (2003 [2001]), as palavras podem ter diferentes representações fonológicas no léxico mental de acordo com a frequência. Palavras e sintagmas (*phrases*), que são utilizadas com

mais frequência, tendem a sofrer compressão e redução como parte do movimento à fala automatizada: fronteiras de palavras são obscurecidas e segmentos e sílabas podem desaparecer dentro da massa de gestos coarticulados (BYBEE, 1999).

Pesquisas realizadas acerca de palavras frequentes evidenciam que elas reduzem mais em contextos nos quais elas ocorrem com mais frequência, tendo em vista que, nestes ambientes, elas se tornam partes de uma unidade de processamento maior (ANDERSON, 1993; BOYLAND, 1996, apud BYBEE, 1999, p. 223). Bybee prevê ainda que os fenômenos de redução são gradualmente incorporados ao léxico a ponto de conduzir a diferentes distribuições na pronúncia de superfície. Em face disso, nota-se que os efeitos de frequência têm um papel fundamental na atuação e na propagação de fenômenos de redução fonológica em uma língua.

Neste sentido, pode-se dizer que o(s) uso(s) de determinada(s) variante(s) pode(m) ser motivado(s) pela(s) escolha(s) de seus falantes, melhor dizendo, a língua é “construída” por seus usuários para atender suas necessidades comunicativas. Conseqüentemente, a consciência linguística sobre a atuação de determinados fenômenos de variação podem resultar em uma interação comunicativa mais eficiente e inteligível entre os usuários de uma determinada língua.

Método

Participantes

O presente estudo contou com um total de 39 estudantes² (20 mulheres e 19 homens). A faixa etária variava entre 14 e 42 anos (M: 28) para os homens e, para as mulheres, entre 13 e 40 anos (M: 26,5). Para medir o nível de proficiência em língua inglesa dos informantes, aplicou-se o teste *Oxford Placement Test 2*³ (ALLAN, 2004). Os resultados demonstraram que 18 alunos encontravam-se no nível intermediário e 21 no nível avançado. Assim que os participantes terminaram esse teste, os mesmos foram convidados a preencher o *Questionário Sociolinguístico* com o intuito de se obter informações a respeito da experiência linguística desses aprendizes com relação ao inglês.

Elaboração e Critérios de Desenvolvimento do Teste

² Foram utilizados nomes fictícios a fim de manter o anonimato dos participantes do estudo.

³ Teste de proficiência em língua inglesa composto por exercícios de *listening* e de gramática. Esse teste possibilita verificar até três níveis: básico, intermediário e avançado.

Tendo em vista que o interesse desse estudo é investigar se os aprendizes brasileiros de língua inglesa, pertencentes a um instituto de línguas brasileiro, têm consciência da existência de formas em processo de redução fonológica neste idioma, optou-se pela elaboração de um teste de percepção audiovisual em formato de *slides* de *powerpoint*, conforme exemplifica a **Figura 1** a seguir:

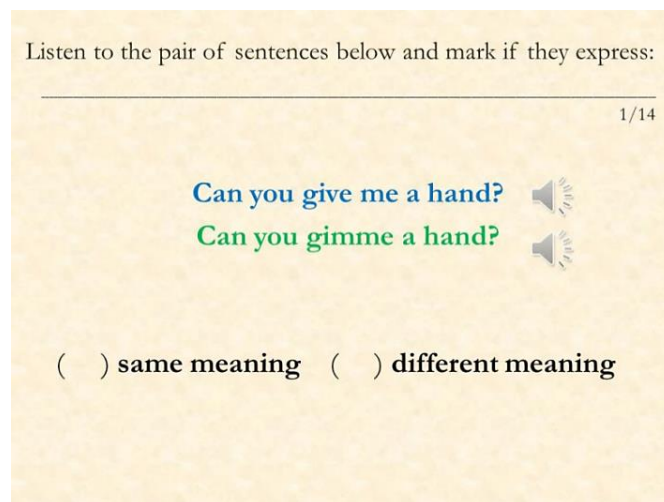


Figura 1. Ilustração do Teste de Consciência Linguística.

A adoção deste tipo de procedimento visa a acessar o léxico mental do participante em virtude de o cérebro humano possuir um repositório (arquivo mental) que armazena itens lexicais, frases e sentenças. No entendimento de Evans e Levinson (2012, p. 97),

Lexical access refers to the set of mental representations and processes that are involved in identifying which specific words we are hearing (during spoken word processing) or seeing (during visual word processing). Recognizing words leads to the activation of semantic information, but models of lexical access typically deal specifically with the activation of word form information (stored representations of how words sound or what they look like), with the activation of semantic information being treated as a consequence of the activation of form. The recognition of familiar words during spoken language processing is so automatic and seemingly effortless, that many people think that there is really nothing there to explain.

Dessa maneira, ao acessar o léxico mental dos participantes é possível averiguar se eles possuem formas do inglês, oriundas de processos de redução fonológica, armazenadas em suas mentes. O teste é composto por 14 pares de sentenças seguido do áudio destas. A primeira sentença contém a forma longa (conforme a gramática normativa prescreve) e a segunda, a sua forma correspondente reduzida, ou seja, em processo de redução fonológica. Neste teste, o

informante deve clicar no ícone do som para ouvir a pronúncia da sentença enquanto a lê visualmente. Após esta leitura audiovisual, o participante deve marcar, no próprio *slide*, a alternativa que considera apropriada com base em seu conhecimento linguístico, quer dizer, ele precisa responder se as sentenças expressam o mesmo significado ou não.

Quanto aos áudios que compuseram o *Teste de Consciência Linguística*, utilizou-se dois falantes nativos norte-americanos para a gravação dos pares de estímulos: uma mulher de Columbia (Carolina do Sul) e um homem de Los Angeles (Califórnia). O intuito de coletar amostras de fala de falantes nativos reside na premissa de que o *input* linguístico oferecido aos aprendizes de LE deve ser oriundo da língua em situações de uso real. Em outras palavras, é preciso expor os aprendizes a amostras de língua produzidas por falantes nativos para que se apropriem cognitivamente e linguisticamente de sua gramática. Todavia, isso não significa que esses aprendizes não devam ser expostos à fala produzida por falantes não nativos, pois, é sabido que a língua é um veículo de interação e comunicação social, ou seja, ela pertence a todos os seus usuários. Quanto mais expor o aprendiz a diferentes formas de utilizar a língua, seja no âmbito da pronúncia quanto no da gramática, mais preparado ele sentir-se-á para identificar os diversos usos da língua em seus diferentes contextos de uso.

Quanto à idade da mulher, esta é de 33 anos e a do homem, 37 anos. É importante declarar que os referidos falantes são professores de língua inglesa que vieram ao Brasil para estudar português brasileiro por algumas semanas no mesmo instituto de idiomas em que os participantes deste estudo estão matriculados. Para a gravação dos dados de fala, solicitou-se a cada um dos falantes/informantes que lesse em voz alta os seguintes pares de estímulos (pares de sentenças), conforme pode ser visto no **Quadro 1**:

Estímulos Auditivos	
Com a Forma Longa	Com a Forma Reduzida Correspondente
Can you <i>give me</i> a hand?	Can you <i>gimme</i> a hand?
I <i>want to</i> eat some pizza.	I <i>wanna</i> eat some pizza.
Nothing's <i>going to</i> change my love for you.	Nothing's <i>gonna</i> change my love for you.
<i>Let me</i> think about it!	<i>Lemme</i> think about it!
I <i>have got</i> a new car.	I <i>gotta</i> a new car.
It's a beautiful day, <i>isn't it</i> ?	It's a beautiful day, <i>innit</i> ?
<i>Don't you</i> think people should preserve water?	<i>Doncha</i> think people should preserve water?
I <i>don't know</i> what to do in this situation.	I <i>dunno</i> what to do in this situation
You <i>aren't</i> listening to me	You <i>ain't</i> listening to me.
I'm here <i>because</i> I need to talk to you.	I'm here <i>coz</i> I need to talk to you.
<i>Lots of</i> people love chocolate.	<i>Lotta</i> people love chocolate.
We <i>should have</i> studied for the test.	We <i>shoul</i> da studied for the test.
You <i>have to</i> finish this report now.	You <i>hafta</i> finish this report now.
It <i>must have</i> been love.	It <i>musta</i> been love.

Quadro 1. Estímulos Auditivos.

No que se refere aos instrumentos para a gravação de fala, adotaram-se fones de ouvidos profissionais (modelo 1740, marca *Leadership Stereo*), um computador portátil, o programa *Audacity* (versão 2.1.0) e uma sala silenciosa do laboratório de línguas do referido instituto. O critério adotado para a seleção das formas utilizadas no teste foi a frequência de uso das mesmas em contexto da vida real. Tal informação foi obtida através de estudos e pesquisas acadêmicas.

Procedimento

Para a realização da análise do presente estudo, algumas etapas precisaram ser percorridas. Primeiramente, os participantes foram convidados a realizar o teste de proficiência em língua inglesa (*Oxford Placement Test 2*). Em seguida, solicitou-se aos aprendizes que preenchessem o *Questionário Sociolinguístico*. Assim que os participantes terminaram o referido teste, eles requisitados a fazer o *Teste de Consciência Linguística* (ver em **Ilustração 1**).

Resultados e Discussão

Levando em consideração a premissa de que a língua é um fenômeno social, que é “construída” por seus falantes para atender suas necessidades comunicativas, torna-se razoável dizer que a aprendizagem de formas em processo de redução fonológica, na língua inglesa, é relevante ao desenvolvimento linguístico de seus aprendizes brasileiros pelas seguintes razões:

- a) a variação é um fenômeno inerente à gramática, ou seja, a variação faz parte do conhecimento linguístico internalizado do indivíduo;
- b) a variação é motivada pelas escolhas de seus falantes;
- c) os processos de redução fonológica atuam de forma tão expressiva na língua inglesa a ponto de ultrapassar o nível da fala e alcançar o nível da escrita;
- d) falantes nativos e não nativos adotam formas reduzidas na tanto na sua fala quanto na sua escrita.

Diante disso, afirma-se que a aprendizagem da variação é essencial, pois, é através do desenvolvimento da consciência linguística acerca da atuação de determinados processos de

variação que professores e/ou instrutores podem auxiliar seus discentes a evitar possíveis mal-entendidos com relação à mensagem a ser transmitida do emissor para o receptor e vice-versa. Isto demonstra que a falta de conhecimento sobre a existência de formas em processo de redução fonológica pode conduzir a problemas em termos de inteligibilidade⁴ e compreensibilidade⁵ (EISENSTEIN, 1989; SMITH, 1992; CLOPPER; BRADLOW, 2008; BEINHOF, 2014; MAHBOOB; BARRATT, 2014) durante a interação comunicativa em decorrência de a variabilidade estar presente no modo como os falantes nativos e não nativos usam a língua alvo. Neste caso, os aprendizes precisam estar conscientes de que o(s) indivíduo(s) ou uma comunidade de fala podem adotar certos tipos de variantes em sua fala e escrita cotidiana. Em consonância com Mahboob (2014, p. 6-7), “it is important to make our students aware of how language varies in these different contexts and provide them the linguistic tools necessary to navigate various contexts successfully” a fim de promover uma comunicação inteligível e eficiente entre seus usuários.

When we communicate, we do so in ways that are influenced by many factors, including historical and social context, the communities we live in, the institutions and social organizations we participate in, and the backgrounds, cultures and identities of ourselves and others. Communication is a complex and nuanced behavior; it is both innate and learned. Being a good communicator depends on using language in acceptable, appropriate and effective ways (CHARITY HUDLEY; MALLINSON, 2014, p. 13-14)

Já que o presente estudo buscou investigar se os aprendizes brasileiros de língua inglesa, de uma instituição de ensino, têm consciência da atuação de processos de redução fonológica no idioma estudado, não entrar-se-á no mérito da análise de outros fatores como sexo e idade, por exemplo. Neste cenário, apenas levar-se-á em conta apenas o conhecimento linguístico, ou melhor, a experiência com a língua alvo. No entanto, isto não significa que os fatores citados não sejam importantes para uma pesquisa, mais precisamente, para uma pesquisa de cunho sociolinguístico propriamente dito, que não é o foco deste estudo em razão de o mesmo ter como meta mostrar a relevância do ensino de variação linguística nas aulas de LE. Em outras palavras, o interesse não é analisar as escolhas dos falantes-informantes, mas sim acessar o léxico mental dos participantes para verificar se os mesmos têm consciência da atuação de

⁴ Inteligibilidade é considerada o grau em que o ouvinte entende a mensagem pretendida do falante (DERWING; MUNRO, 2015).

⁵ Compreensibilidade é considerada uma medida de quão fácil ou difícil é para um ouvinte entender as produções de um falante (DERWING; MUNRO, 2015).

fenômenos de redução fonológica no inglês falado e escrito tanto por nativos quanto por não nativos.

Os resultados da análise dos dados possibilitaram verificar que a média do total de acertos (MT) evidenciou desempenhos semelhantes entre os grupos intermediário e avançado no *Teste de Consciência Linguística*, conforme revelam as **Tabelas 1 e 2** a seguir:

Nível Intermediário	
Informante	Nº de Identificação Correta
Jorge	07/14
Bruno	08/14
Matheus	10/14
Larissa	08/14
Aline	13/14
Carla	07/14
Guilherme	09/14
Eduardo	09/14
Jane	13/14
Pedro	08/14
Tatiana	07/14
Karoline	08/14
Andressa	05/14
Vanessa	13/14
Michel	09/14
Vitória	03/14
Moises	04/14
Sandra	05/14
MÉDIA TOTAL	8,1/14

Tabela 1. Nível Intermediário

Nível Avançado	
Informante	Nº de Identificação Correta
Lauren	06/14
Andriele	10/14
Carol	12/14
Janaína	06/14
Henrique	07/14
Giulia	10/14
Douglas	11/14
Eduarda	13/14
Daiane	07/14
Maria	08/14
Carlos	03/14
Karen	12/14
Valdo	10/14
Cibele	11/14
Marcus	09/14
Félix	07/14

Grabriel	06/14
Fernando	08/14
Felipe	07/14
Victor	06/14
Nicolas	11/14
MÉDIA TOTAL	8,5/14

Tabela 2. Nível Avançado

Pode-se dizer que houve apenas uma sutil diferença na média de acertos ($MT_{(avanç.)} - MT_{(interm.)} \rightarrow 8,5 - 8,1 = 0,4$) entre os grupos analisados. Isto significa que o nível de proficiência não foi um fator relevante no que tange ao conhecimento linguístico sobre a existência das formas reduzidas apresentadas no teste. Os resultados mostram ainda que os informantes exibem um nível razoável de conhecimento quanto à existência dessas formas. É imprescindível frisar que o ensino da variedade padrão é a predominante neste instituto. Com base nas informações obtidas no questionário sociolinguístico, a provável explicação para este nível razoável de conhecimento de formas em processo de redução fonológica consiste na utilização, por parte dos aprendizes, de músicas, filmes, seriados, aplicativos, entre outros, como ferramentas de aprimoramento de sua aprendizagem no idioma em contexto externo à sala de aula.

Ao comparar o tempo de estada em país de língua inglesa com o número de identificação correta dos pares de sentenças, foi possível notar que os informantes desse grupo apresentaram uma média total de acertos ($MT = 8,2$) semelhante à média total exibida pelos grupos analisados por nível de proficiência, como pode ser visto nas Tabelas 3 e 4 abaixo:

Informantes que estiveram em país de língua inglesa (LI)		
Informantes	Nº de Identificação Correta	Tempo de Estada
Lauren	06/14	2 semanas
Andrielle	10/14	2 semanas
Henrique	07/14	3 semanas
Douglas	11/14	40 semanas
Eduarda	13/14	2 semanas
Daiane	07/14	2 semanas
Maria	08/14	2 semanas
Carlos	03/14	2 semanas
Aline	13/14	1 semana
Felipe	07/14	2 semanas
Fernando	08/14	2 semanas
Victor	06/14	2 semanas
MÉDIA TOTAL	8,2/14	5,1 semanas

Tabela 3. Informantes que estiveram em país de LI.

Comparação dos Resultados entre os Níveis de Proficiência	
Nível de Proficiência	Nº de Identificação Correta
Intermediário	8,1/14
Avançado	8,5/14

Tabela 4. Comparação dos resultados entre os níveis de proficiência.

Tendo visto esses dados, pode-se conjecturar que a instrução explícita em sala de aula, sobre as formas em processo de redução fonológica, poderia ter um papel primordial no que concerne ao desenvolvimento da consciência linguística nesses aprendizes-falantes, pois só a convivência com a língua em uso na vida real não foi o suficiente para que os participantes conseguissem identificar um número mais expressivo das formas apresentadas no referido teste. Ademais, cabe ressaltar que o contexto de sala de aula não proporcionou a aprendizagem dessas formas em virtude de duas razões: primeira, a variedade padrão é a predominante no processo de ensino-aprendizagem do inglês (LE); segunda, o ensino de variação não é um tópico abordado nas aulas da instituição investigada.

Outro fato que merece destaque é com relação às formas mais identificadas pelos participantes do estudo. A **Tabela 5** apresenta que as formas *want to/wanna*, *going to/gonna*, *give me/gimme*, *let me/lemme* e *don't you/doncha* foram identificadas de forma mais satisfatória pelos informantes em comparação com as demais exibidas no teste.

Pares de Sentenças do Teste de Consciência Linguística	
Formas	Nº de Identificação Correta
Give me / Gimme	20
Want to / Wanna	35
Going to / Gonna	35
Let me / Lemme	18
Have got / Gotta	10
Isn't it / Innit	15
Don't you / Doncha	18
I don't know / Dunno	15
Aren't / Ain't	13
Because / Coz	16
Lots of / Lotta	12
Should have / Shoulda	13
Have to / Hafta	10
Must have / Musta	13

Tabela 5. Formas mais reconhecidas pelos informantes.

Provavelmente, este reconhecimento se deva ao uso mais frequente de tais formas em letras músicas, na fala de personagens de filmes e seriados, entre outras ferramentas, utilizados

por esses aprendizes a fim de praticar e aprimorar seu conhecimento de inglês para além da sala de aula.

Em face disso, pode-se inferir que o ensino de formas em processo de redução fonológica é de grande valia para promover a consciência linguística da atuação de tais fenômenos, uma vez que o termo redução fonológica é apenas uma designação genérica que abrange vários processos nos quais uma forma ou um conjunto de formas sofre(m) mudança(s) quanto a certos traços ou características fonéticas. Cabe enfatizar ainda que tal conhecimento possibilita ao falante-aprendiz de uma LE identificar e compreender o porquê da(s) escolha(s) de determinada(s) forma(s) por parte do(s) usuário(s) daquela língua. Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 15):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

As pesquisas de cunho sociolinguístico comprovam que a língua é um sistema heterogêneo constituído por unidades e regras variáveis e está passível de sofrer processos de variação e mudança linguísticas. Logo, as instituições de ensino e os docentes precisam viabilizar e estimular a aprendizagem de formas em processo de variação linguística nas aulas de língua(s), dado que a língua trata-se de um veículo de interação e comunicação social, a qual é moldada conforme as necessidades comunicativas de seus falantes. Para Rosa (2017, p. 12):

[...] linguistic variation must be taught in language class in order to help students to develop their communicative competence and their linguistic awareness about the linguistic system and how it works functionally. When learners have contact with foreign speakers, it is inevitable to face with language variation and they must be prepared to deal with the different ways of using the target language as well as having positive attitudes towards the socio-cultural differences of those nations.

Nesse sentido, chega-se a conclusão de que se faz necessário instigar, nos aprendizes de língua inglesa, a consciência linguística da atuação de processos de redução fonológica no neste idioma em razão de esse conhecimento contribuir para a aprendizagem de como a língua funciona e se estrutura linguisticamente, assim como propiciar uma comunicação compreensível e inteligível entre esses aprendizes e os usuários desta, independentemente de estes últimos serem nativos ou não. Além disso, sugere-se o desenvolvimento de mais estudos sobre o tema em questão e com um número maior de informantes a fim de se obter resultados

mais precisos e significativos sobre o papel do ensino de variação na aprendizagem de língua inglesa (LE) por aprendizes brasileiros.

Considerações finais

Por ser um sistema heterogêneo e variável, a língua está passível de sofrer processos de variação linguística. Ademais, é crucial lembrar que esta última é um fenômeno inerente à gramática (WEINREICH *et al.*, 2006[1968]), a qual é adquirido pelo falante ao longo da vida. Consequentemente, a variação faz parte do conhecimento linguístico internalizado do indivíduo (MUNSON; EDWARDS; BECKMAN, 2005). Com isso, verifica-se o quão importante é ensinar a variação em sala de aula.

Os resultados do presente estudo revelaram que os informantes da instituição analisada apresentaram um nível razoável de consciência linguística com relação às formas em processo de redução fonológica do inglês apresentadas no teste de consciência linguística aplicado. Cabe ressaltar ainda que os resultados evidenciaram que o nível de proficiência em inglês e o tempo de convivência em país da língua alvo não foram fatores relevantes quanto à consciência da existência de tais formas no inglês. Tendo em conta as informações obtidas a partir do questionário sociolinguístico, conjectura-se que a possível explicação para este nível de consciência linguística esteja na utilização, por parte dos participantes, de músicas, filmes, seriados, aplicativos, entre outros, como ferramentas para aprimorar seu conhecimento linguístico do inglês para além do contexto de sala de aula.

De acordo com Rosa (2017), a aprendizagem da variação linguística traz benefícios aos aprendizes, já que os mesmos são encorajados a explorar questões relacionadas aos aspectos socio-históricos e culturais, como: a relação entre língua e sociedade, que fatores podem interferir no uso da língua, a formação de identidade de uma nação e o porquê de os usuários dessa língua escolherem certas variantes ao invés de outras. Assim, pode-se dizer que o ensino da variação é essencial para promover a competência comunicativa do aprendiz de um determinado idioma. Se a variação é fenômeno inerente à gramática, aquela também precisa ser aprendida no contexto de sala de aula de língua(s). Tendo em vista a relevância do ensino-aprendizagem de formas em processo de variação linguística em LE, sugere-se a realização de mais estudos voltados para este tema e com um número maior de informantes de modo a possibilitar a obtenção de resultados mais precisos acerca do papel do ensino de variação em sala de aula de LE.

Referências

ALLAN, Dave. *Oxford placement test 2*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BECKNER, Clay; ELLIS, Nick C.; BLYTHE, Richard; HOLLAND, John; BYBEE, Joan; KE, Jynyun; CHRISTIANSEN, Morten H.; LARSEN-FREEMAN, Diane; CROFT, William; SCHOENEMANN, Tom. Language is a Complex Adaptive System - Position Paper. *Language Learning*, vol. 59, supl. 1, p. 1-26, 2009.

BEINHOFF, Bettina. Perceiving intelligibility and accentedness in non-native speech: a look at proficiency levels. Proceedings of the International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech, *Concordia Working Papers in Applied Linguistics*, 5, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguem na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BROWMAN, Catherine P.; GOLDSTEIN, Louis. Articulatory phonology: an overview. *Phonetica*, 49, 155-180, 1992.

BROWN, J. D.; HILFERTY, A. G.. The effectiveness of teaching reduced forms for listening comprehension. *RELC Journal*, 17 (2), 59-70, 1986.

BYBEE, Joan. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The New Psychology of Language*. vol II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2003, p. 145-167.

_____. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003[2001].

_____. Usage-based phonology. IN: DARNELL, Michael; MORAVCSIK, Edith A.; NOONAN, Michael; NEWMAYER, Frederick J.; WHEATEY, Kathleen (eds.). *Functionalism and formalism in linguistics*. vol 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1999, p. 211-242.

_____. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (eds.). *The oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.

BYBEE, Joan L.; HOPPER, Paul (eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

BYBEE, Joan L.; BECKNER, Clay: Usage-based theory. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 827-855.

CHARITY HUDLEY, Anne H.; MALLINSON, Christine. We do languages: English language variation in the secondary English classroom. New York: Teachers College Press, 2014.

CRYSTAL, David. A language must change, to keep pace with society. *Liverpool Daily Post*: Thursday, May 16th, 1963. p. 09-10.

CLOPPER, Cynthia G.; BRADLOW, Ann R.. Perception of dialect variation in noise: intelligibility and classification. *Lang Speech*, vol. 51, Issue 3, p. 175-198, 2008.

DERWING, Tracy M.; MUNRO, Murray J.. Putting accent in its place: rethinking obstacles to communication. *Language Teaching*, 42, p. 476-490, 2009.

_____. The interface of teaching and research: what type of pronunciation instruction should L2 learners expect? In: LUCHINI, P. L.; GARCÍA JURADO, M. A.; ALVES, U. K. *Fonética y fonología: articulación entre enseñanza e investigación*. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 2015, p. 14-26.

EISENSTEIN, Miriam R. Dialect variation and second-language intelligibility. In: EISENSTEIN, Miriam R. (eds.). *The dynamic interlanguage: empirical studies in second language variation*. New York: Springer Science/Business Media, 1989.

ENGSTRAND, Olle; KRULL, Diana. Segment and syllable reduction: preliminary observations. *Working Papers*, 49, p. 26-29, 2001.

EVANS, Nicholas; LEVINSON, Stephen. Word processing. In: TRAXLER, Matthew. J. (ed.). *Introduction to psycholinguistics: understanding language science*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 79-140.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005[1950].

FINEGAN, Edward. *Language: its structure and use*. 5th ed. Boston: Thomson Wadsworth, 2008.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HENRICHSEN, L. E.. Sandhi-variation: A filter of input for learners of ESL. *Language Learning*, 34, p. 103-126, 1984.

ITO, Yasuko. Effect of reduced forms on ESL learners' input-intake process. *Second Language Studies*, 20(1), p. 99-124, 2001.

KHAGHANINEZHAD, M. S.; JAFARZADEH, G.. Investigating the effect of reduced forms instruction on EFL learners' listening and speaking abilities. *English Language Teaching*, vol. 7, nº 1, p. 159-171, 2014.

KRUG, Manfred; SCHLÜTER, Julia (eds). *Research methods in language variation and change*. New York: Cambridge University Press, 2013.

LABOV, William. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. *Language*, vol. 45, nº 04, p. 715-762, 1969.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. v. 1. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. *Complex systems and applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MAHBOOB, Ahmar. Englishes in multilingual contexts. In: MAHBOOB, Ahmar; BARRATT, Leslie (eds.). *Englishes in multilingual contexts: language variation and education*. New York/London: Springer, 2014, p. 1-14.

MAHBOOB, Ahmar; BARRATT, Leslie (eds.). *Englishes in multilingual contexts: language variation and education*. New York/London: Springer, 2014.

MUNSON, B.; EDWARDS, J.; BECKMAN, M.E. Phonological knowledge in typical and atypical speech-sound development. *Topics in Language Disorders*, vol. 25, p. 190-206, 2005.

MOWREY, R.; PAGLIUCA, W.. The reductive character of articulatory evolution. *Revista de Linguística*, 7, p. 37-124, 1995.

PICHLER, Heike. *The structure of discourse-pragmatic variation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2013.

ROSA, Eliane da. Linguistic variation in english. *Revista de Letras*, vol. 19, nº. 25, p. 01-16, 2017.

SMITH, L. E.. Spread of English and issues of intelligibility. In: KACHRU, B. B. (ed.). *The other tongue: English across cultures*. Urbana: University of Illinois Press, 1992, p. 27-47.

THOMPSON, S.; MULAC, A.. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. vol. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 313-330.

WIENREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].